

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ALÉXIA SOUZA DA SILVA

**TUDO É ÁGUA E TUDO É RIO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS METÁFORAS DO ROMANCE DE CARLA MADEIRA**

PORTO ALEGRE

2023

ALÉXIA SOUZA DA SILVA

**TUDO É ÁGUA E TUDO É RIO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS METÁFORAS DO ROMANCE DE CARLA MADEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira

PORTO ALEGRE

2023

ALÉXIA SOUZA DA SILVA

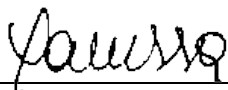
**TUDO É ÁGUA E TUDO É RIO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS METÁFORAS DO ROMANCE DE CARLA MADEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Inglês.

Porto Alegre, 30 de agosto de 2023

Resultado: Aprovado com conceito A.

BANCA EXAMINADORA:



Larissa Moreira Brangel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Laura Baiocco Pereira
University of Arizona (UA)



Maity Simone Guerreiro Siqueira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar esta pesquisa e minhas palavras para três pessoas que são muitos especiais na minha vida, e que com certeza sempre serão uma das melhores partes da minha travessia:

Aos meus pais, Alex e Lena, por sempre me acolherem e pelos mais lindos gestos de afeto. A vida só é tão bonita porque vocês estiveram ao meu lado desde o meu primeiro suspiro e porque até hoje, quando eu chego em casa vocês estão sempre lá sorrindo pra mim, junto com um abraço, um conselho ou uma palavra amiga. Poderia dizer que vocês são os melhores pais do mundo, mas isso não seria nem de longe tão bonito quanto dizer que, na verdade, vocês são as melhores pessoas do mundo.

Ao meu companheiro de vida, Lucas, por não ter deixado passar um dia sequer sem me dar uma palavra de apoio durante a escrita dessa pesquisa. Pra ti, gostaria de dedicar todas as palavras mais bonitas, mas te dedico aqui uma das mais lindas frases de amor que já li, e que por coincidência faz parte de *Tudo é Rio*: “Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? Gostar de falar, gostar de tocar, gostar de cheirar, gostar de ouvir, gostar de olhar. Gostar de se abandonar no outro. O amor não passa de um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo”.

A vocês três, poderia dedicar todas as palavras mais lindas já catalogadas na língua portuguesa, mas elas não seriam o suficiente. Poderia dedicar todas as palavras mais lindas que já foram catalogadas em todas as línguas existentes, mas acredito que ainda assim, elas não seriam o suficiente. Sou eternamente grata por estar viva ao mesmo tempo que vocês, obrigada por tanto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer um agradecimento especial a quem fez essa pesquisa ganhar vida, pois sem eles, ela teria continuado sendo apenas uma ideia entre as tantas outras que habitam minha mente.

Primeiro, gostaria de agradecer à professora Magali Endruweit, por ter estado por perto durante toda a graduação, e por ter me sugerido a leitura de *Tudo é Rio*, sem tua sugestão, este trabalho de conclusão não teria um objeto de pesquisa tão maravilhoso. E sem ti, eu não teria aprendido tanto sobre travessias, sobre o quanto a vida quer coragem da gente, e sobre como a dor dói menos quando entendida e a alegria alegre mais quando analisada.

Agradeço também a todos do grupo de leitura Lendo os Clássicos em Voz Alta, foram vocês e todas as nossas reflexões de segundas e sextas que me inspiraram a pesquisar sobre a literatura e sobre como a linguagem poética molda nossa visão de mundo e nossa experiência como seres humanos.

Agradeço imensamente à professora Maity Siqueira, por ter acreditado nessa pesquisa desde o primeiro minuto e por ter me dito durante todo o processo que eu era capaz e que essa pesquisa ficaria linda. Foi a tua leitura tão paciente e tua visão tão leve das coisas que fizeram com que ela se tornasse realidade e acima de tudo, fizeram com ela realmente ficasse linda.

Agradeço a todos do grupo de pesquisa Metafolia (coordenado pela professora Maity), por terem lido esta pesquisa, sugerido melhorias e por terem feito uma pré-banca comigo, vocês são fontes inesgotáveis de conhecimento e sem vocês minha apresentação não teria sido a mesma.

E, principalmente, muito obrigada aos meus amigos, Vinícius, Juliane, Kadija, Francelle e Marina. Por terem me ajudado com todas as minhas dúvidas durante a escrita dessa pesquisa, por todas as risadas, todos os pães de queijo no intervalo, mas principalmente, obrigada pela companhia ao longo desses quase cinco anos de graduação. Vocês foram a melhor parte dessa travessia, obrigada por tanto.

*“E a vida, como metáfora de um rio, tudo traz,
tudo leva, tudo lava. Menos o amor. O amor é uma
verdade à prova do tempo. Deguste.”*

(Carla Madeira)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta os mapeamentos e analisa algumas das metáforas conceituais relacionadas a líquidos que foram encontradas em *Tudo é Rio* - obra da escritora brasileira Carla Madeira - a partir da perspectiva da Linguística Cognitiva. A pesquisa tem como objetivo explorar como as metáforas foram utilizadas na obra para enriquecer sua linguagem e potencializar a transmissão de significados. *Tudo é Rio* referencia o líquido e todas as suas derivações em praticamente todas as suas 206 páginas, mas apesar de as metáforas linguísticas fazerem referência a líquidos, seus mapeamentos não necessariamente se restringem ao domínio-fonte LÍQUIDO. Dos 11 mapeamentos conceituais encontrados, EMOÇÃO É LÍQUIDO foi que contou com o maior número de ocorrências. Os resultados evidenciaram que as metáforas presentes no livro escrito por Carla Madeira corroboram a ideia central da Teoria da Metáfora Conceitual. Ou seja, elas não se limitam a expressões linguísticas figuradas, elas estão ali para cumprir o papel de estruturar nossos pensamentos e percepções sobre domínios abstratos através da transferência de significados de um domínio mais concreto e sensorial para um domínio mais abstrato. Além de enriquecer a linguagem poética utilizada em livros de ficção, as metáforas também oferecem uma visão única sobre como os seres humanos abordam conceitos abstratos e complexos. A pesquisa oferece uma abordagem diferente, partindo de uma obra literária, para compreender como a linguagem e o pensamento estão entrelaçados, aumentando nossos conhecimentos sobre como os seres humanos dão sentido ao mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Literatura; Metáfora.

ABSTRACT

This course completion work presents the mappings and analyzes some of the conceptual metaphors related to liquids found in *Tudo é Rio* - a book written by the Brazilian writer Carla Madeira - from the perspective of Cognitive Linguistics. The research aims to explore how metaphors were used in the book to enrich its language and enhance the transmission of meanings. *Tudo é Rio* references liquid and all its derivations in practically all of its 206 pages, but although the linguistic metaphors refer to liquids, their mappings are not necessarily restricted to the source domain LIQUID. Of the eleven conceptual mappings found, EMOTION IS LIQUID had the highest number of occurrences. The results showed that the metaphors present in the book written by Carla Madeira corroborate the central idea of the Conceptual Metaphor Theory. In other words, they are not limited to figurative linguistic expressions, they are there to fulfill the role of structuring our thoughts and perceptions about abstract domains by transferring meanings from a more concrete and sensory domain to a more abstract domain. As well as enriching the poetic language used in fiction books, metaphors also offer a unique insight into how human beings approach abstract and complex concepts. The research offers a different approach, starting from a literary book, to understand how language and thought are intertwined, increasing our knowledge of how human beings make sense of the world around them.

Keywords: Cognitive Linguistics; Literature; Metaphor.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETO DE ESTUDO	12
3	LINGUÍSTICA COGNITIVA	15
3.1	TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL.....	18
3.2.	TEORIA DA METÁFORA PRIMÁRIA.....	20
3.3	NICHO METAFÓRICO	23
3.4	IDENTIFICAÇÃO DE METÁFORAS NA FICÇÃO.....	24
4	MÉTODO	28
4.1	SELEÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E MAPEAMENTO.....	28
4.2	TABELAS E COMPARATIVOS.....	30
5	ANÁLISE.....	37
6	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A metáfora é um fenômeno linguístico e cognitivo que vai além de uma figura de linguagem retórica. Poderosa e versátil, ela é amplamente utilizada na literatura para conferir expressividade e profundidade ao discurso poético. A presença de metáforas em obras literárias transcende o aspecto retórico, sendo uma ferramenta essencial na construção de significados e na representação de experiências humanas complexas. Assim, ela permite que domínios mais concretos sejam compreendidos e expressos em termos de um domínio mais abstrato, permitindo a transferência de significado entre eles.

Dentre as diversas abordagens teóricas para o fenômeno da metáfora, a Linguística Cognitiva oferece uma lente perspicaz para analisar e desvendar os mecanismos subjacentes ao funcionamento das metáforas, permitindo uma compreensão mais profunda de como elas são capazes de moldar a estrutura e o sentido das obras literárias. Por exemplo, “o tempo voa”, uma metáfora bastante comum e muito utilizada no nosso dia a dia, tanto em sua forma oral quanto na escrita, é uma metáfora linguística que atualiza uma metáfora conceitual. Esse conceito foi proposto inicialmente na década de 1980 por George Lakoff e Mark Johnson, que entende que as metáforas não são apenas dispositivos linguísticos isolados, mas sim, reflexos de uma estruturação conceitual subjacente em nossas mentes. Metáforas conceituais são inerentes à linguagem e moldam nossa compreensão e a experiência que temos com o mundo ao nosso redor, elas influenciam nossa percepção, pensamento e linguagem cotidiana, muitas vezes de maneira inconsciente.

Pensando nesse conceito de metáfora proposto pela Linguística Cognitiva, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as metáforas presentes em *Tudo é Rio*, romance contemporâneo escrito por Carla Madeira, a partir desta perspectiva. *Tudo é Rio* foi publicado pela primeira vez em 2014, mas se destacou na cena literária no ano de 2021, quando foi relançado pela editora Record. Sua narrativa bem desenhada, sua escrita poética e sua história bastante densa chamaram a atenção da crítica e do público geral.

Com capítulos curtos e fluidos, Carla constrói sua narrativa, ora intensa, ora mais branda, desobedecendo a ordem cronológica dos fatos. Assim, o rio segue seu próprio curso, como a vida, carregada por esse fluxo contínuo de água que não pode ser interrompido, e o título em si já evidencia essa primeira metáfora: tudo é rio. Toda a narrativa da obra é delineada a partir de metáforas que fazem referência a todos os líquidos que nos cercam e que dificilmente podem ser parados: sangue, sêmen, lágrimas, suor, entre tantos outros. A obra personifica os

sentimentos, utilizando as metáforas para nos fazer mergulhar dentro da história e sentir cada emoção junto com os personagens.

Por isso, para melhor entendimento, esta pesquisa foi organizada em quatro partes principais: Objeto de Estudo, Linguística Cognitiva, Método e Análise. Ressalto ainda que, tanto a seção sobre Linguística Cognitiva quanto a seção sobre os métodos possuem subseções.

Na primeira seção, onde falo sobre o objeto de estudo, foi feito um resumo da obra escolhida, bem como uma breve análise sobre a história de sua escrita e publicação, reforçando quais foram os pontos principais que fizeram com que este livro em específico fosse selecionado para esta pesquisa.

A seguir, foi feita uma revisão de literatura sobre as principais teorias da Linguística Cognitiva que são relevantes para a análise final. Inicialmente apresento um *overview* da Linguística Cognitiva como um todo, depois, passo para as teorias em si. Primeiro são apresentadas as teorias sobre metáforas: Teoria da Metáfora Conceitual (Lakoff e Johnson, 2003) e Teoria da Metáfora Primária (Grady, 1997); e por último, falo sobre o conceito de nicho metafórico proposto por Solange Vereza (2007, 2013). Por fim, apresento os métodos de identificação de metáforas na ficção, propostos por Gerard Steen em seu livro de 2010, *A Method for Linguistic Metaphor Identification*, escrito em parceria com diversos autores.

Na terceira seção, apresento a metodologia utilizada para a seleção das metáforas, bem como a forma como se deu a criação de tabelas para que as frases selecionadas pudessem ser analisadas e comparadas. Finalmente, passo para a seção de análise, onde aplico as teorias e métodos mencionados no parágrafo anterior.

Com essa linha de raciocínio apresentada, foi possível identificar as metáforas presentes em *Tudo é Rio*, bem como separar, mapear e analisar estas metáforas conceituais a partir das teorias citadas acima, que serão explicadas nas seções subsequentes.

A abordagem da Linguística Cognitiva é interdisciplinar, ou seja, ela trabalha em conjunto com diversas outras áreas de estudo, como a filosofia, a psicologia e a própria literatura. Por esse motivo, espera-se que este estudo possa contribuir tanto para a área da linguística – analisando o papel das metáforas na construção de conceitos e significados -, quanto para a área dos estudos literários – inspirando novos usos da linguagem em obras de ficção e enriquecendo a análise literária. A literatura fornece um terreno fértil para a aplicação das teorias cognitivas sobre metáforas, ao mesmo tempo que a Linguística Cognitiva amplia nossa compreensão da função e dos significados das metáforas na literatura, tornando-se uma via de mão dupla.

Dessa forma, à medida que mergulhamos nas profundezas dos estudos cognitivos e literários, desvendando o papel das metáforas na linguagem e comunicação humana, torna-se evidente que elas não são apenas simples elementos de ornamentação retórica, mas sim um ponto de partida para compreender a complexidade da mente humana, revelando conexões entre a nossa linguagem, nossos pensamentos e nossas diferentes percepções sobre a realidade.

2 OBJETO DE ESTUDO

A literatura exerce uma influência significativa sobre o estudo da linguagem de várias maneiras, contribuindo para o desenvolvimento tanto da linguagem escrita, quanto da linguagem oral de uma sociedade. A partir da literatura, e em conjunto com a Linguística, é possível investigar cientificamente a estrutura, o funcionamento e a evolução da língua. A Linguística Cognitiva, em especial, analisa a literatura considerando como as estruturas linguísticas e os processos cognitivos subjacentes interagem para criar um significado literário, e como a linguagem utilizada reflete e influencia a forma como percebemos e compreendemos a realidade que nos cerca.

Com a análise linguística, é possível explorar as figuras de linguagem utilizadas na literatura, como metáforas e metonímias, por exemplo. Isso nos ajuda a compreender como essas figuras de linguagem contribuem para o significado, a atmosfera e a estética dos textos literários. Dessa forma, a linguística oferece ferramentas e perspectivas valiosas para analisar e entender a linguagem como um todo. Essa interseção enriquece a apreciação das obras literárias, proporcionando uma compreensão mais profunda das escolhas linguísticas dos autores e da maneira como a linguagem é utilizada para criar diferentes significados nos textos.

Sendo assim, para desenvolver e explicar melhor as seções e a análise que virão a seguir, é preciso falar um pouco sobre o objeto central de estudo deste trabalho, o livro de estreia da autora Carla Madeira - *Tudo é Rio* - cujo nome integra o título da presente pesquisa. Após sua estreia em 2014, o romance se tornou um grande destaque da cena literária contemporânea, foi recebido pela crítica como uma grata surpresa e com muito entusiasmo pelo público geral, tornando-se assim o livro mais vendido de 2021 ao ser relançado pela editora Record. Ao ler o romance, nos deparamos com uma escrita particularmente poética e fluida, tal como a água do título, uma metáfora que rege todo o livro por si só.

A história é contada a partir de três personagens principais: Lucy, Venâncio e Dalva; e conta a história de um triângulo amoroso marcado pela infelicidade. Lucy era a prostituta mais famosa e mais bonita da cidade, e escolhia a dedo com quais homens queria se deitar. Era uma prostituta que gostava do que fazia, e como escreve Carla, para toda a cidade isso era uma provocação sem tamanho, pois qualquer pessoa de bem tolera as putas, com a condição de sentir pena delas. Lucy se tornou órfã muito cedo e foi obrigada a morar com os tios, que já tinham outras duas filhas. Apesar dos tios tentarem esconder, Lucy sentia dentro de si e sabia que as filhas biológicas dos tios eram mais amadas e tratadas com mais carinho do que ela. O desejo de sair da casa dos tios, misturado com o desejo por sexo que descobriu na adolescência fizeram

com que ela logo juntasse seus pertences, provocasse uma situação que a faria ser mandada embora de casa, e fosse viver na Casa de Manu, junto com as outras prostitutas na primeira oportunidade que teve.

Dalva era uma menina comum, alegre e apaixonada pela simplicidade da vida. Apesar de ter muitos irmãos, era o xodó dos pais, que faziam de tudo para vê-la feliz. Venâncio, apesar de também ser um menino comum, diferente de Dalva, tinha uma vida sofrida e solitária, e um pai bastante violento. Como em toda cidade pequena, os dois se conheciam desde a infância, mas foi mais tarde que o rio fluiu e que a paixão tomou conta deles.

Quando começaram a namorar, não se falava de outra coisa na cidade, tinham um amor tão bonito quanto insuportável, que despertava a inveja de quem presenciava, e por ser tão perfeito parecia predestinado a ter um fim trágico: “felicidade em demasia é conta que não se pode pagar. A conta viria” (Carla Madeira, 2021, p. 28), escreve a autora. E assim foi. Junto desse amor que vinha como uma correnteza, arrebatando seu coração, Venâncio carregava um ciúme e um medo muito grande de perder Dalva. Ele tinha medo de que alguém enxergasse nela toda a beleza que ele via. Os dois viveram irrigados e felizes por muito tempo, até que a violência do ciúme de Venâncio tomou conta, terminando em uma tragédia praticamente anunciada. Assim, Dalva não conseguia mais olhar para Venâncio, muito menos falar com ele, se tornou apática à vida e a tudo ao seu redor. Venâncio passou a frequentar a Casa de Manu, e a tempestade que era Lucy acabou cruzando o caminho do casal agora infeliz.

O amor, o ódio, a mágoa e a raiva são sentimentos que quando reprimidos tendem a se tornar cada vez mais intensos até o momento em que transbordam. *Tudo é Rio* explora a água, abordando tudo que possui uma força tão imensa que não pode ser controlada. Dessa forma, Carla vai levando aos poucos tudo que acontece nas páginas do texto para as metáforas da água, tudo se relaciona com o fluxo constante dos líquidos que nos constituem ou cercam: sangue, sêmen, lágrimas, suor, chuva, rio, mar. E ela consegue fazer isso de uma forma tão poética que parece uma pintura.

A forma que a Carla constrói isso, é basicamente pra te mostrar que a vida, ela é literalmente um fluxo constante de água, e o rio é essa analogia. [...] A vida, ela é um rio, independente de que momento você está, se você está bem, se você está mal, se você está feliz, se você está triste, se aconteceu alguma coisa muito ruim na sua vida ou muito boa, a vida continua acontecendo. Tudo continua acontecendo, e essa corrente, ela é impossível de ser parada (Paulo Ratz, 2022).

A sequência de acontecimentos da história é extremamente bem desenhada e envolvente, os elementos e os personagens se conectam de uma forma que faz o leitor sentir essa corrente de acontecimentos que se ligam uns aos outros e que não podem ser parados. Não

foi à toa que levou 14 anos para que Carla amadurecesse a ideia do livro por completo e finalizasse a escrita. Em uma entrevista para o site *Exame*, Carla conta:

Tudo é Rio foi transbordamento. Tanto que os oito meses que gastei escrevendo, depois dos 14 anos que passei “amadurecendo”, foram muito do jeito e na ordem que o leitor lê. Era quase uma respiração a troca de situações. Os afastamentos e as aproximações eram quase que viscerais. Eu precisava disso, como se eu esgotasse o meu ar naquele personagem, e ir para outra coisa fazia eu respirar novamente. Foi algo bem orgânico, como uma respiração (Carla Madeira, 2022).

O livro de Carla não foi planejado, mas nasceu e abriu espaço para discussões por onde passou desde sua primeira publicação em 2014, *Tudo é Rio* tem muita realidade em suas páginas e isso dói, causa desconforto. A obra incita discussões sobre a vida como um todo, a condição humana, as relações, as emoções, o amor e tantas outras experiências que nós, como seres humanos, compartilhamos uns com os outros diariamente. O livro ainda nos mostra e nos faz ter ciência dessa corrente constante que é a vida, que por vezes passa por nós com a calma e a leveza de uma chuva de verão, e outras vezes vem como a enxurrada de uma tempestade. Concordo com a autora quando ela escreve, “o sofrimento é certo como a morte e tão inegociável quanto” (Carla Madeira, 2021, p. 138). É a dificuldade e a imprevisibilidade da nossa existência que a faz tão única e tão bonita.

O livro *Tudo é Rio* foi escolhido como objeto de estudo para esta pesquisa por utilizar metáforas do início ao fim para compor sua narrativa, e por possuir uma escrita muito poética, que nos permite diversas interpretações. As metáforas são uma parte essencial da forma como pensamos, falamos e compreendemos a linguagem, elas tornam a linguagem mais vibrante, profunda e acessível, permitindo o compartilhamento de ideias e pensamentos complexos e emocionais de maneira eficaz. A análise de metáforas presentes em obras literárias sob a perspectiva da Linguística Cognitiva oferece uma compreensão mais profunda de como essas estruturas cognitivas influenciam a criação literária e como a linguagem poética e simbólica da literatura reflete as complexidades da mente humana.

Ao transcender o limite das palavras, as metáforas nos permitem acessar um universo de pensamentos complexos, abstratos e muitas vezes indescritíveis, por meio da linguagem. Mais do que uma figura de linguagem, elas são uma janela para a estrutura fundamental dos nossos pensamentos humanos.

Sendo assim, nas próximas seções apresento de forma mais aprofundada os conceitos da Linguística Cognitiva que serão utilizados para analisar de fato as metáforas presentes na obra da escritora brasileira Carla Madeira, uma vez que, ao estudá-las sob essa perspectiva, é possível evidenciar as camadas de significados que tornam a literatura uma forma de arte tão rica e complexa.

3 LINGUÍSTICA COGNITIVA

Estima-se que, atualmente, mais de 7.000 línguas sejam faladas ao redor do mundo. Há quem leve em consideração somente as mais utilizadas, mas, se é verdade que estamos rodeados por essas milhares de línguas, automaticamente também se torna verdadeiro que existem milhares de formas de comunicação. E, dentre as diversas formas de comunicação humana, destaca-se a linguagem verbal, que se refere à comunicação através de palavras faladas ou escritas. A linguagem verbal é um fenômeno complexo e central para a cognição humana, é a forma mais comum e direta de comunicação entre os seres humanos, e diz respeito à nossa capacidade de nos comunicarmos por meio de uma determinada língua.

Para a Linguística Cognitiva, a linguagem é uma manifestação da habilidade cognitiva humana e está entrelaçada com outros processos mentais, como a percepção, a memória, o raciocínio e a emoção. Segundo essa abordagem, a linguagem e a organização linguística devem refletir princípios cognitivos gerais e não apenas princípios específicos da linguagem, ou seja, deve ser estudada em conjunto com outros aspectos da mente humana inerentes à cognição. A cognição humana compreende algumas funções superiores, como a percepção, a atenção, a associação, a memória, o raciocínio, a linguagem, entre outros, tornando-se assim, um compromisso de interdisciplinaridade.

Dessa forma, a Linguística Cognitiva é uma perspectiva que entende a linguagem humana através das lentes do aparato cognitivo, investigando como os falantes constroem o significado, como os aspectos sociais e culturais influenciam na linguagem e como as estruturas linguísticas refletem conceitos e categorias mentais. A linguagem figurada, nesse contexto, é um dos principais fenômenos da linguagem investigados por essa abordagem interdisciplinar.

Apesar do fato de alguns de seus princípios fundamentais serem encontrados anteriormente já na obra de outros linguistas, a Linguística Cognitiva bebe na fonte do desenvolvimento da psicologia cognitiva dos anos 70. E foi a publicação da obra *Metaphors We Live By*, de George Lakoff e Mark Johnson, em 1980, que deu o pontapé inicial ao que viria a ser a revolução dos estudos sobre metáfora, que já era um tema bastante discutido no campo da literatura, mas passou a se tornar também relevante para os estudos da linguística.

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como característica restrita à linguagem, uma questão de palavras do que de pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só

pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (Lakoff e Johnson, 2002, p. 45).

Indo contra os argumentos até então expostos de que a figuratividade era apenas um recurso de ornamentação da linguagem, nesse livro, Lakoff e Johnson mostram que os falantes organizam seu pensamento e se expressam naturalmente por meio de metáforas, e lançam a ideia de um sistema conceitual metafórico, desenvolvendo uma teoria que explica e interpreta metáforas do ponto de vista cognitivo – a Teoria da Metáfora Conceitual.

George Lakoff foi uma das peças-chaves para o estabelecimento da Linguística Cognitiva como uma perspectiva distinta do paradigma gerativista, dominante naquela época. Além de *Metaphors We Live By*, Lakoff publica também, em 1987, *Women, Fire and Dangerous Things*, onde argumenta que a compreensão da linguagem depende dos sistemas conceituais adjacentes que moldam a forma como interpretamos o mundo. Dessa forma, existem diversas teorias que formam o arquipélago da Linguística Cognitiva, que se divide em duas grandes áreas de investigação: semântica e gramática cognitiva – conteúdo e estrutura, respectivamente – e são regidas por dois compromissos centrais, o compromisso da generalização e o compromisso cognitivo. Segundo George Lakoff (1990):

O compromisso de generalização é o compromisso de caracterizar os princípios gerais que regem todos os aspectos da linguagem humana. Vejo isso como o compromisso de empreender a linguística como um esforço científico. O compromisso cognitivo é o compromisso de fazer com que a descrição da linguagem humana esteja de acordo com o que geralmente se sabe sobre a mente e o cérebro, tanto de outras disciplinas quanto da nossa própria (Lakoff, 1990, p. 40, tradução minha).

Sendo assim, o compromisso da generalização é um aspecto teórico que trata dos padrões comuns aos diferentes níveis de análise linguística: morfologia (estudo individualizado das palavras), fonologia (estudo do som das palavras), sintaxe (estudo da organização e relação das palavras), semântica (estudo do sentido da palavra de acordo com o contexto) e pragmática (estudo de como o contexto contribui para o significado). Ao contrário das abordagens mais formais - como o Gerativismo, por exemplo - onde se estuda cada uma dessas áreas de forma distinta, a Linguística Cognitiva defende que existem princípios comuns que estruturam os diferentes aspectos da linguagem e que eles devem ser estudados em conjunto. Para ilustrar este aspecto teórico, vou utilizar como exemplo a seguinte frase:

Essa fulaninha não chega aos meus pés.

Aqui são utilizados os mapeamentos metafóricos – essa definição diz respeito à maneira como utilizamos as metáforas para entender conceitos abstratos e complexos com base em nossa compreensão de conceitos mais concretos e físicos, e será amplamente discutida mais adiante - BOM É PARA CIMA/IMPORTÂNCIA É TAMANHO, e para perceber este

mapeamento é necessário analisar a morfologia - presente na escolha de uso da palavra “fulaninha” como sujeito da frase para se referir a alguém de quem não gostamos de forma depreciativa, embora esta não seja regra, já que o diminutivo também é utilizado de forma carinhosa - e a pragmática - presente na escolha de uso da expressão idiomática “não chega aos meus pés” neste contexto para expressar de forma metafórica e metonímica que alguém não é tão bom quanto nós em um determinado aspecto - e também seria possível, nesta e em outras frases, utilizar os demais níveis de análise linguística citados no parágrafo anterior.

Já o compromisso cognitivo é um aspecto de interdisciplinaridade, onde os princípios da estrutura linguística devem refletir os achados de outros campos de estudo, como a psicologia, a filosofia e a neurociência. Por exemplo, o efeito de primazia e recência em memória (psicologia cognitiva), refere-se à tendência que o ser humano possui de lembrar com mais facilidade de itens que aparecem no início (primazia) e no final (recência) de uma lista de palavras, em comparação com os itens que aparecem no meio. Essa é a base do mapeamento metafórico IMPORTÂNCIA É PRIMAZIA, como no exemplo abaixo:

Clara é o primeiro lugar na minha lista de amigas queridas.

Essa frase possui uma metáfora linguística que evidencia o mapeamento do efeito da primazia para expressar importância. Posso ter muitas amigas queridas, mas o fato de eu lembrar e ainda citar Clara em primeiro lugar faz com que ela seja o item mais importante da minha lista. E o mesmo acontece com a recência. Quando ditamos para alguém uma lista de itens que precisam ser compradas no mercado, por exemplo, a probabilidade da pessoa se lembrar do que foi pedido por último é muito maior do que a probabilidade dos itens que foram pedidos no meio da lista serem lembrados.

É importante ressaltar que a presente pesquisa se dá no âmbito da semântica cognitiva - mais especificamente abordando o fenômeno da metáfora -, e um dos seus princípios centrais é a estrutura conceitual corporificada, que conversa diretamente com os compromissos citados acima, uma vez que a experiência corpórea associada a uma estrutura conceitual é parte do que torna essa estrutura dotada de significado.

A metáfora é fundamental para o processamento conceitual. Conceitos abstratos são criados em parte pelos mapeamentos metafóricos de domínios-fonte corpóreos para vários domínios-alvos. Na verdade, conceitos abstratos não existiriam da forma que existem na cognição comum sem metáforas baseadas no corpo (Gibbs, 2005, p. 122, tradução minha).

Ou seja, pensamos da forma como pensamos e nos expressamos da forma como nos expressamos porque temos estes corpos específicos em um ambiente com propriedades específicas. Por exemplo, nos expressamos por meio de metáforas como “subir na vida”, que possuem o mapeamento metafórico BOM É PARA CIMA porque nosso corpo e nossa vivência

nos condicionam a isso. Dificilmente poderíamos usar um mapeamento metafórico como RUIIM É PARA CIMA, uma vez que nossos corpos verticais sentem o peso da gravidade e nos colocam para baixo quando estamos tristes, doentes ou enquanto carregamos um objeto muito pesado.

Zoltán Kövecses (2002) é um dos autores que enfatizam o papel do corpo nos mapeamentos metafóricos associados às nossas emoções. Segundo ele, a metáfora é um agente primordial na organização conceitual e discursiva dos indivíduos. Seu estudo é singular para a compreensão do papel não só da emoção, mas também da cultura, para além do corpo, na ação de produção dos sentidos.

No nosso dia a dia costumamos interligar o que conhecemos da língua que falamos ao que vivenciamos no mundo. Quando falamos que duas pessoas têm uma amizade sólida, por exemplo, estamos unindo todos os conhecimentos que possuímos sobre o que são objetos classificados como sólidos (quando seguramos um objeto sólido, normalmente não conseguimos destruí-lo com facilidade com nossas próprias mãos) e relacionamentos interpessoais para descrever algo presente no nosso cotidiano. Portanto, com base na nossa experiência corpórea, uma amizade classificada como sólida seria uma relação interpessoal difícil de destruir. Como Chiavegatto (2009) comenta em seu artigo intitulado *Introdução à Linguística Cognitiva*: “tais saberes adquiridos na vida social e na cultura a qual pertencemos, são projetados entre domínios distintos - o do corpo e o dos relacionamentos - e dessas correlações novos sentidos são construídos”.

De fato, a principal contribuição das teorias que formam o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva é trazer o corpo para o centro das discussões a respeito da relação entre linguagem e pensamento. Essa perspectiva enfatiza que o corpo humano e a experiência sensorial têm um papel fundamental na compreensão e na produção de linguagem. As metáforas, os gestos, as representações mentais e a compreensão textual são fortemente influenciadas pelas nossas experiências sensoriais e pela forma como interagimos com o mundo ao nosso redor. Nas subseções a seguir, apresentarei teorias centrais para a Linguística Cognitiva e para a análise proposta nesta presente pesquisa.

3.1 TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Por vezes, as experiências humanas podem ser abstratas e subjetivas. Relações, sentimentos e emoções, por exemplo, são elementos que estão inseridos diariamente na nossa rotina, mas que podem ser difíceis de expressar apenas com palavras usadas rotineiramente. A organização e interpretação das nossas experiências e pensamentos é fundamental para nossa

convivência em sociedade. E, segundo Zoltán Kövecses (2002), as metáforas conceituais ajudam nesse trabalho, nos permitindo compreender e expressar conceitos abstratos com termos que remetem a conceitos mais concretos e/ou sensoriais. Na Linguística Cognitiva, a metáfora conceitual envolve o mapeamento de um domínio de origem - fonte (mais concreto e familiar) -, para um domínio de destino - alvo (mais abstrato e menos familiar).

O processo de criação das metáforas conceituais deve-se à capacidade imaginativa da razão humana, no sentido de que as estruturas mais significativas para o ser humano derivam de sua experiência corpórea cotidiana. A expressão “assim não vamos a lugar nenhum”, por exemplo, atualiza um mapeamento metafórico no qual relações interpessoais são entendidas a partir de nossas experiências corpóreas com viagens, a metáfora é entendida por uma experiência cultural, como afirmam Lakoff e Johnson:

Os pressupostos, valores e atitudes culturais não são uma sobreposição conceitual que podemos ou não colocar na experiência à nossa escolha. Seria mais correto dizer que toda a experiência é cultural por completo, que experimentamos o nosso ‘mundo’ de tal forma que a nossa cultura já está presente na própria experiência (Lakoff e Johnson, 2003, p. 45, tradução minha).

A expressão citada no parágrafo anterior, “assim não vamos a lugar nenhum”, surge através do mapeamento entre dois domínios conceituais, o domínio-fonte: VIAGEM, e o domínio-alvo: RELAÇÕES HUMANAS. O domínio-fonte se refere a uma área específica da experiência humana, como atividades físicas, relação com tempo-espço, percepção sensorial e emoções. Já o domínio-alvo se refere ao domínio no qual a metáfora é aplicada, representando um conceito abstrato que é mapeado para o domínio-fonte através de uma metáfora. Analisando a expressão que utilizada como exemplo, podemos concordar que ela poderia ser facilmente dita em meio a uma discussão, onde seria possível entender que ficar discutindo sobre o mesmo assunto, ficar “estagnados no mesmo lugar”, é ruim; mas “seguir em frente” com o assunto e resolver o problema que originou a discussão seria o ideal em uma relação interpessoal. O que entendemos por viagem é o ato de sair de um ponto de partida e se deslocar até um ponto de chegada, por isso utilizamos VIAGEM como domínio-fonte para mapear o domínio-alvo RELAÇÕES HUMANAS.

Isso evidencia, portanto, que nossos conhecimentos, nossa vivência, nossa cultura e tudo que presenciamos ao longo das nossas vidas contribuem para o entendimento de uma metáfora, e esse entendimento tende a variar à medida que os elementos citados variam. No entanto, algumas metáforas conceituais parecem ser universais – ou seja, elas são compreendidas da mesma forma em mais de uma língua -, como seria o caso de ANGER IS A HOT FLUID IN A

CONTAINER, um exemplo dado por Kövecses em seu livro *Metaphor: a practical introduction*, de 2002. Como podemos ver nas seguintes frases:

You make my blood boil.

Ele estava fervendo de raiva.

Tanto a metáfora em inglês quanto a metáfora em português atualizam a metáfora conceitual ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER. Sem esse mapeamento, seria um pouco mais difícil explicar a potência do sentimento de raiva, que produz uma força tão grande dentro dos nossos corpos que por vezes faz com que tenhamos uma reação exagerada perante determinada situação, algo que normalmente denominamos como uma explosão de sentimento.

Culturas diferentes tendem a compreender metáforas de maneiras diferentes, dessa forma, podemos entender que, uma vez que essa metáfora é compreendida em mais de uma língua, significa que seus respectivos falantes, de certa forma, parecem ter ideias parecidas sobre o funcionamento de seus corpos e interpretam sentimentos de forma semelhante. Assim, uma vez que mapeamentos metafóricos derivam de experiências corpóreas, podemos dizer que eles envolvem noções de corporeidade.

Em resumo, a Teoria da Metáfora Conceitual oferece uma abordagem profunda e abrangente para entender as metáforas como um fenômeno linguístico, cognitivo e culturalmente relevante. E ainda, segundo Kövecses (2002), se o sistema conceitual que governa a forma como vivenciamos o mundo, como pensamos e como agimos é parcialmente metafórico, então as metáforas (conceituais) devem ser realizadas não apenas na linguagem, mas também em muitos outros modos de expressão da experiência humana. Sendo assim, a noção de metáfora é um reflexo das estruturas conceituais da mente humana, sendo uma ferramenta essencial para a expressão, compreensão e comunicação da realidade que nos cerca.

3.2. TEORIA DA METÁFORA PRIMÁRIA

Conforme mencionado na subseção anterior, algumas metáforas entendidas a partir de experiências corpóreas possuem potencial para universalidade, e por este motivo, elas são denominadas como metáforas primárias. A Teoria da Metáfora Primária proposta por Joseph Grady em sua tese de 1997, é uma parte central da Teoria da Metáfora Conceitual, e diz respeito a ideia de que nossa compreensão de conceitos abstratos é construída a partir da nossa experiência corpórea e perceptual com o mundo físico, indicando que as metáforas não são apenas uma questão de linguagem, mas sim uma forma fundamental de estruturação do pensamento humano.

Nós experimentamos as metáforas primárias no nosso dia a dia muitas vezes de forma bem sutil sem nem nos darmos conta, um exemplo disso é quando acordamos nos sentindo bem, de bom humor, e pensamos “hoje estou me sentindo alegre, super pra cima!”, uma expressão corriqueira que evidencia o mapeamento BOM É PRA CIMA. Conforme a explicação acima, uma vez que metáforas primárias possuem potencial para universalidade, elas tendem a se manifestar em diversas línguas. Por isso, em inglês, também é muito comum dizer “*I’m feeling up*”, que é uma metáfora bastante utilizada quando alguém está se sentindo bem ou de bom humor, assim como o “sentir-se pra cima” da língua portuguesa.

Em sua tese de 1997, Joseph Grady escreve sobre como diariamente ocorrem algumas cenas e eventos em nossas experiências em contextos bastante diversos do nosso convívio, em função dos nossos objetivos e desejos. Como esses eventos e cenas ocorrem em repetição no nosso dia a dia, nosso sistema cognitivo acaba tendo um entendimento subjetivo desses eventos, algo que Grady chama de “cena primária”. E, segundo ele, as dimensões mais discretas e individuais dessas experiências, tais como intimidade e proximidade, são chamadas de “subcenas”. Nas palavras do autor:

Em resumo, as *cenas primárias* são episódios mínimos (temporalmente delimitados) de experiência subjetiva, caracterizados por correlações estreitas entre circunstâncias físicas e respostas cognitivas. São elementos universais da experiência humana, definidos por mecanismos e capacidades cognitivas básicas, que se relacionam, em algum sentido saliente, com a interação com o mundo orientada para um objetivo. As dimensões experienciais emparelhadas de que são compostos são *subcenas* (Grady, 1997, p. 24, tradução minha).

As cenas primárias e as subcenas tratam de aspectos corpóreos e subjetivos que coocorrem nas nossas experiências diárias, são a partir delas que formamos as metáforas primárias. Isso ocorre porque uma vez que as dimensões distintas das nossas experiências estão vinculadas às nossas representações cognitivas, cria-se o cenário perfeito para a extensão dessa associação para um cenário mais amplo: as metáforas primárias.

Em sua tese, Grady ainda afirma que uma vantagem atrelada à Teoria da Metáfora Primária diz respeito à facilidade de classificar mapeamentos metafóricos a partir dessa teoria. Para qualquer expressão metafórica utilizada, ao invés de invocar uma enorme lista de correspondências como acontece com A VIDA É UMA VIAGEM, sua devida correspondência deve ser simplesmente básica e primária. Como por exemplo, ESTADOS MENTAIS SÃO LUGARES, que atualiza a correlação entre nosso ambiente físico e o conteúdo da nossa consciência, é classificado como uma metáfora primária, uma vez que é construída a partir de uma experiência corpórea básica e cotidiana.

Em resumo, de acordo com essa teoria, os seres humanos constroem grande parte do seu pensamento e compreensão do mundo por meio de metáforas que são baseadas em

experiências físicas e sensoriais. Assim, nós utilizamos essas metáforas derivadas de experiências corpóreas para compreender de maneira melhor conceitos abstratos e complexos, como os nossos sentimentos e emoções.

3.3 NICHOS METAFÓRICO

Em *Metaphors We Live By*, obra que fundou os estudos sobre metáforas na perspectiva da Linguística Cognitiva, Lakoff e Johnson falam sobre “*entailments*” ou “*desdobramentos*”. Esse conceito é utilizado para explicar o surgimento de metáforas novas, que estariam ligadas de certa forma a uma metáfora conceitual ou ideia cognitiva com mapeamentos convencionais. Todavia, existem situações em que o falante produz metáforas no discurso que podem não ser necessariamente convencionalizadas, algo que é bastante utilizado na escrita poética.

Segundo Solange Vereza (2013), o falante pode explorar as metáforas a partir destes “*entailments*” ou mapeamentos discursivos, que desempenham um papel tanto argumentativo quanto cognitivo no discurso, criando um texto cuja coesão pode ser caracterizada pelo que ela denomina como “nichos metafóricos”:

[...] um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto (Vereza, 2007, p. 496).

Sendo assim, a partir de uma metáfora conceitual pode ocorrer a formação textual de novos cruzamentos entre domínios diferentes formados por desdobramentos de metáforas específicas. Para que se possa visualizar melhor o conceito de “nicho metafórico”, vamos observar um exemplo dado pela própria Vereza em seu artigo de 2007.

Mato Grosso era um estado do meu país que eu não tinha visitado ainda [...] compreendi também quanto somos vítimas de descuido, desinteresse e malandragem no que diz respeito aos transportes, ao escoamento da produção e, mais que tudo, à segurança de nossa vida e das pessoas amadas [...]. Na hora de escrever esta coluna, me ocorreu que também nós precisaríamos de uma urgente e séria revisão sobre o tráfego de bens em nossa vida pessoal, em nosso interior [...] investimento da alma. Caminhos travados por desinteresse, ignorância ou pouco amor à vida produzem afetos frustrados, escolhas tortas ou eternamente adiadas. Caímos nos buracos de nossas neuroses silenciosas, isolados por pontes precárias que não permitem bons relacionamentos. Vivemos em estado de desperdício: não de produtos agrícolas ou bens, mas desperdício de vida, de sonho, de realização de solidariedade e de alegria. Se a vida é uma viagem com origem e destino nebulosos, a falta de visão, de interesse e aplicações emocionais e racionais nas vias de passagem determinarão a qualidade dessa aventura que é existir numa terra vasta, com passagens surpreendentes, ameaças e armadilhas. Não somos grande coisa como viajantes nesse sentido, mas podíamos melhorar. A Vida é uma terra bem mais vasta do que as vastas regiões do Brasil, onde tanto se perde sem necessidade[...]: Botamos fora o bem da nossa alma – ela ainda não virou deserto (Lya Luft, 2007, p. 26).

Com este texto, Vereza analisa que os desdobramentos presentes na narrativa vão construindo a argumentação e criam a partir dela redes metafóricas entre os domínios: tráfego de bens da vida pessoal, caminhos travados, buracos de neurose, pontes de relacionamentos e desperdício de vida. Todos estes domínios são mapeados a partir da metáfora linguística “a vida é um território”, onde a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM fica explícita.

A metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, tão onipresente na literatura sobre a TCM, é aqui explicitada (Se a vida é uma viagem com origem e destino nebulosos) articulando-se cognitivamente e discursivamente à da vida (metonimicamente associada à alma) é um território (mal cuidado, que ainda não virou “deserto”), formando um nicho metafórico, complexo, mas ao mesmo tempo coerente, que orienta os caminhos textuais da argumentação (Vereza, 2007, p. 500).

Dessa forma, como foi possível ver com a análise proposta por Vereza, o conceito de nicho metafórico diz respeito a redes ou intercruzamentos cognitivo-discursivos formados por desdobramentos de metáforas específicas. E, ao contrário da metáfora conceitual, o nicho metafórico não corresponde a uma instância metafórica, mas sim, a toda uma rede de significação que vai sendo construída em uma unidade textual semântico-discursiva, como acontece com *Tudo é Rio* e será visto com mais detalhes na seção onde faço a análise da obra.

3.4 IDENTIFICAÇÃO DE METÁFORAS NA FICÇÃO

Muitos estudiosos parecem concordar com o fato de que expressões metafóricas tipicamente encontradas na literatura são bastante criativas, complexas, interessantes e sujeitas a diversas interpretações, diferente do que encontramos em textos não literários. De acordo com Semino e Steen (2008), escritores literários utilizam metáforas para ir além do senso comum e estender nossos recursos literários e/ou conceituais comuns, proporcionar novos *insights* e perspectivas sobre a experiência humana.

Conforme será visto nas próximas subseções, a partir do entendimento da Linguística Cognitiva, existem metáforas linguísticas originais criadas a partir das mesmas metáforas conceituais que são atualizadas através de expressões metafóricas utilizadas no nosso dia a dia. A habilidade de propor expressões linguísticas criativas é algo bastante utilizado por escritores de ficção, como uma forma de nos guiar para além dos usos inconscientes e automáticos das metáforas comuns à nossa rotina, além de tornar a escrita mais poética, claro.

Em *A Method for Linguistic Metaphor Identification* (Steen et al., 2010), na seção sobre identificação de metáforas na ficção, os autores falam sobre a pronta identificação de palavras utilizadas metaforicamente nesse gênero, e pontuam que as questões mais interessantes acerca

do assunto estão relacionadas a três características específicas da ficção: *metáforas expressas diretamente, descrições de personagens e personificação*.

A metáfora expressa diretamente ocorre por meio de analogias e comparações literais ou não literais. São consideradas “diretas” porque as palavras escritas no livro que se referem ao universo criado na história, ou seja, os domínios de origem, são utilizados diretamente no nível linguístico. No exemplo “*Ouvir Venâncio falando seu nome foi [como] música*” - retirado de *Tudo é Rio* -, a palavra “música” é entendida como uma combinação harmoniosa de sons, algo que agrada os ouvidos. Entendemos prontamente que o som da voz de Venâncio pronunciando o nome de Dalva foi bom de ouvir. Metáforas expressas diretamente são comumente sinalizadas com o uso das palavras “como” ou “parece” em sua construção.

Já quando o objetivo do texto literário é descrever os personagens, como se parecem, como são e o que estão fazendo, é bastante provável que muitas das palavras utilizadas aparecerão como metáforas. Podemos olhar para o seguinte trecho:

Sua beleza de brisa vinha aos poucos, era preciso demorar os olhos nela. Tinha um jeito de andar bom de ver, a cabeça erguida e um balanço suave, com música no passo. [...] O cabelo tinha ondas atrevidas, e, se o vento soprava, escapava uma liberdade selvagem, que perturbava. Os olhos de jabuticaba eram molhados e grandes, mas quase fechavam quando ela ria. Nessas horas, como quem encontra um ouro no meio das pedras, escondido e precioso, quem via Dalva sorrindo se dava conta do quanto ela era bonita. A certeza vinha, dava vontade de ficar perto (Carla Madeira, 2021, p. 71).

Com esse exemplo, podemos ver que assim que o texto sai da realidade física e busca descrever estados mentais e psicológicos, ou fazer avaliações mentais, o número de metáforas utilizadas tende a aumentar, pois estamos saindo de um mundo concreto, com objetos físicos, e indo para o campo das emoções e sentimentos, conceitos abstratos. É o que acontece com a descrição da personagem de Dalva em *Tudo é Rio* citada no trecho acima.

Quando falam de personificação, em *A Method for Linguistic Metaphor Identification* (Steen, *et al.*, 2010), os autores a dividem em dois subtópicos: *personificação e descrição de personagem e personificação e forma linguística*.

a) Personificação e descrição de personagem:

Quando o escritor de uma obra literária escolhe descrever uma ação, é possível fazer essa descrição focando no personagem em si, em uma parte do corpo específica, ou ainda em uma ação desse corpo, como acontece no seguinte exemplo: “senti o solavanco seco da voz dela cuspidando revoltada: vai embora”, retirado de *Tudo é Rio*. É possível identificar na frase

mencionada, à primeira vista, uma metonímia, mas isso não significa que ela também não possa ser classificada como uma metáfora.

Tal combinação de metonímia e metáfora é conceitualizada por alguns linguistas como “metaftonímia” ou “metáfora de metonímia”. Steen (2007) esclarece que o fato de encontrar uma metonímia não exclui a possibilidade de encontrar uma metáfora, já que metáforas e metonímias não são forças opostas, mas sim interativas. No exemplo citado no parágrafo anterior, podemos ver primeiramente uma metonímia, uma vez que não é a voz que costuma cuspir palavras, mas sim a boca. Analisando mais a fundo, também percebemos uma metáfora, gerada pelo mapeamento entre cuspir e rispidez. Em outras palavras, dizer que a voz cuspiu é uma forma metafórica de transmitir a ideia de que uma frase foi dita de maneira ríspida.

b) Personificação e forma linguística:

Aqui, os autores comentam sobre um tipo de personificação específico, a personificação da natureza, que se manifesta no discurso, e evidencia a animação ou pessoalidade dos fenômenos naturais. Ou seja, o escritor de uma obra literária escolhe atribuir verbos que seriam utilizados para descrever ações humanas a ações produzidas por fenômenos naturais. Um exemplo bastante poético e muito utilizado em livros de ficção é “a chuva dançava lá fora”. Nessa frase, o verbo dançar - além de ser uma metáfora para descrever a forma como os pingos de chuva estavam se movimentando -, é um verbo que descreve uma ação humana, mas que está sendo utilizado nesse contexto para descrever o movimento de um fenômeno natural, dando a ele um aspecto humano. Dessa forma, nos sentimos mais próximos da descrição e é possível visualizar de maneira mais animista o cenário criado pelo escritor.

Levando em consideração essas três características específicas da ficção comentadas nos parágrafos anteriores, podemos observar que escritores de ficção se utilizam das metáforas para levar seus leitores para além dos pensamentos e reflexões comuns do dia a dia e do uso automático e inconsciente de metáforas.

Se, segundo a Linguística Cognitiva, metáforas não são apenas elementos decorativos, mas sim, uma ferramenta indispensável para o estudo da linguagem e do pensamento, então, a utilização delas em um texto de ficção pode ser vista como uma escolha consciente do escritor para enriquecer seu texto e transmitir significados mais profundos aos seus leitores. Em *Metaphors We Live By* (1980), Lakoff e Johnson utilizam o exemplo “Ele atacou todos os pontos fracos do meu argumento”, uma atualização linguística do mapeamento ARGUMENTO É GUERRA, para discutir sobre como as metáforas cotidianas parecem ser primárias, enquanto metáforas literárias parecem ser explorações mais criativas e inovadoras do mesmo mapeamento. Uma vez que essas metáforas conceituais estruturam nossa percepção e nosso

comportamento, e formam uma parte essencial da nossa cultura, o entendimento e a percepção das metáforas literárias irão variar de acordo com a perspectiva do leitor e seu contexto cultural.

Por esse motivo, apesar de já ter lido *Tudo é Rio* há alguns anos, para realizar essa pesquisa foi preciso ler a obra novamente algumas vezes, de forma mais criteriosa, focando em elementos diferentes em cada uma das leituras, tendo em mente quais aspectos seriam relevantes para o decorrer da análise proposta. Pensando a respeito das diversas leituras que fiz da obra e sobre os métodos e teorias vistos até agora, percebi que toda a narrativa era construída a partir de diferentes tipos de líquidos, ou seja, a obra possuía metáforas inovadoras criadas a partir do mesmo domínio. Então, com esse *insight* decidi trabalhar com o método que será descrito na próxima seção, uma vez que o livro escrito por Carla Madeira claramente oferece um padrão ao leitor.

4 MÉTODO

Para chegar à etapa de análise, foi necessário delinear um caminho que tornasse possível visualizar de forma clara e ampla os destaques do livro selecionados por mim. Com os dados coletados, eles foram divididos em algumas categorias. Sendo assim, os critérios de classificação para os destaques serão mais bem explicados nas subseções a seguir.

4.1 SELEÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E MAPEAMENTO

A primeira etapa prática da pesquisa foi a seleção das frases contidas no livro. Para essa seleção, a obra foi completamente lida em material físico, e sempre que alguma palavra relacionada a líquidos aparecia no decorrer da leitura – como, por exemplo, “lágrimas”, “chuva”, “rio”, “mar” – a frase inteira era marcada. Palavras como “seco”, “ressecado” e “deserto” também foram consideradas parte do grupo de palavras relacionadas a líquidos, uma vez que podemos entender “deserto” como ausência de água, assim como as palavras “seco” e “ressacado” são utilizadas para definir algo que em um determinado momento esteve/deveria estar molhado ou úmido.

Depois de lidos e destacados manualmente, os destaques foram todos digitalizados em um documento do Word para melhor visualização, e para que eu pudesse decidir qual seria a melhor forma de dispor estas frases para que elas ficassem mais didáticas e visuais.

Com as frases escolhidas e digitalizadas, elas foram divididas entre “frases metafóricas” e “frases literais”, e a partir daí, foi preciso então mapear as frases definidas como metafóricas. Além de frases metafóricas relacionadas a líquidos, o livro também continha diversas outras metáforas, e por este motivo é importante lembrar que, para os fins desta pesquisa, apenas as metáforas do grupo que continham palavras relacionadas a líquidos foram mapeadas, as demais metáforas foram deixadas de lado. Então, analisando as metáforas linguísticas que se relacionavam com líquidos uma a uma, foi possível identificar a partir delas os seguintes mapeamentos subjacentes:

EMOÇÃO É LÍQUIDO (com trinta e uma ocorrências);

RELAÇÃO É LÍQUIDO (com onze ocorrências);

A VIDA É ÁGUA (com onze ocorrências);

EMOÇÃO É CALOR (com quatro ocorrências);

A VIDA É MAR (com três ocorrências);

A VIDA É UMA VIAGEM (com duas ocorrências);

CORPO É PAISAGEM (com uma ocorrência);
 PESSOA É LÍQUIDO (com uma ocorrência);
 DIFICULDADE É LÍQUIDO (com uma ocorrência);
 IMPUREZA É LÍQUIDO/SUJO (com uma ocorrência);
 EMOÇÃO É CONTAINER (com uma ocorrência).

Com esses mapeamentos, suas respectivas frases foram colocadas em tabelas para que pudessem ser visualizadas de uma melhor forma, afinal muitas delas possuem até dois mapeamentos, como foi o caso de “O pai de Dalva, seu Antônio, era mais bravo, mas Aurora sabia abaixar a fervura dele”, por exemplo, que possui os mapeamentos EMOÇÃO É LÍQUIDO e também EMOÇÃO É CALOR.

Também é importante destacar que a análise feita não foi exaustiva, ou seja, nem todas as frases destacadas como frases metafóricas relacionadas a líquidos em um primeiro momento passaram para a fase seguinte – o mapeamento em si. Isso porque foram excluídos destaques que continham menções explícitas a atos sexuais e repetições de significado. Por exemplo, se houveram dois destaques sobre lágrimas com o mesmo sentido, um deles foi deixado de lado. Esses dois critérios de descarte foram escolhidos para que pudéssemos reduzir a quantidade de metáforas a serem mapeadas e assim trabalhar melhor com o tempo hábil disponível. Sendo assim, ressalto que para o propósito desta pesquisa, em um primeiro momento, é possível trabalhar de forma promissora apenas com as metáforas que restaram após os critérios de exclusão serem aplicados.

Ao todo, foram selecionadas 65 metáforas linguística, que foram mapeadas – conforme a lista acima - e alocadas em pequenas tabelas. Além destas 65 metáforas linguísticas, outras 4 frases destacadas do livro foram posteriormente classificadas *apenas* como metonímias, e por este motivo não passaram a fazer parte de nenhuma tabela. Porém, como foi visto na seção sobre identificação de metáforas na ficção, alguns autores trabalham com a existência de “metáforas de metonímia” ou “metáftonímias”, por isso, houve um destaque tabelado em específico que além de metáfora também é classificado como uma metonímia, já que elas podem se confundir, como será explicado na seção de análise.

Na subseção a seguir, será mostrado como as tabelas foram montadas e organizadas para que fosse possível criar a linha de raciocínio utilizada na análise de fato.

4.2 TABELAS E COMPARATIVOS

Iniciei criando a tabela para o mapeamento que continha mais ocorrências, que foi EMOÇÃO É LÍQUIDO. A partir desse mapeamento percebi a necessidade de destacar em azul as palavras que definem líquidos, assim ficava mais claro qual é a metáfora em questão que está sendo trabalhada.

Após cada uma das frases, foi colocado o número da página do livro em que o destaque se encontra, como não era viável inserir parágrafos inteiros na tabela por uma questão de tamanho, sabendo em qual página o destaque se encontra ficou mais fácil voltar quantas vezes fosse necessário para ler a frase dentro do contexto da história e analisá-la.

Construí as tabelas por ordem de quantidade de ocorrências, em ordem decrescente, iniciando pelo mapeamento que continha mais ocorrências - EMOÇÃO É LÍQUIDO - e finalizando com os mapeamentos que continham apenas uma ocorrência - CORPO É PAISAGEM, PESSOA É LÍQUIDO, DIFICULDADE É LÍQUIDO, IMPUREZA É LÍQUIDO/SUJO e EMOÇÃO É CONTAINER.

Ao longo das próximas páginas que mostrarão as tabelas na íntegra, será possível notar que algumas frases estão grifadas em verde, isso é porque percebi que algumas frases possuíam mais de um mapeamento, então elas foram grifadas para que pudessem ser comparadas mais adiante.

Com tudo devidamente explicado, as tabelas serão anexadas a seguir conforme a ordem citada acima:

Tabela 1 – EMOÇÃO É LÍQUIDO
Ela me perguntou o quanto eu a amava. Reuni em vidro todos os humores vertidos: sangue, sêmen, lágrimas . Amo você tantos rios . (p. 9)
Pois foi esse sujeito afastado de qualquer vaidade, suado e maltratado, que Lucy via sem interesse e com alguma aversão, que acabou provocando nela uma paixão desmedida, daquelas vermelho- sangue, tempestuosa . (p. 12)
O caldo grosso da inveja derramou, e o assunto foi parar nos ouvidos da rejeitada. (p. 13)
O que ela fez, sem saber que fazia, provocou em Venâncio uma emoção aguda, os olhos dele se encheram de uma água triste, turva como a água que passa num cano por onde nada passava há muito tempo e que expulsa com ela uma sujeira velha, um abandono antigo e demorado. (p. 16)
Mas tia Duca estava sempre lá, rebobinava tudo, esfriando aquela fervura . (p. 41)

Mais do que nunca, a água estava no fogo, mais cedo ou mais tarde ia ferver . (p. 57)
Com isso, sentia a alma hidratada , conquistando o direito de cuidar do corpo, se entregar a pequenas vaidades como fazer as unhas e pentear os cabelos. (p. 60)
Mas, ao contrário, o escuro estava aceso como nunca, tudo estava lá no seu corpo pesado e impotente, na sua alma ensanguentada . (p. 67)
Queria com sede suas lágrimas , queria chorar todo o seu sangue . Virar poça . Mas o susto secou suas águas . (p. 67)
O pai de Dalva, seu Antônio, era mais bravo, mas Aurora sabia abaixar a fevura dele. (p. 70)
Nesse momento, quando um viu o outro, uma desorganização abundante tomou conta deles, os corpos tencionaram afetados por ondas mágicas, ventanias, litros derramados . (p. 78)
As matas. As grutas . Um rio largo e farto, manso em seu fluxo, lavando tudo, fertilizando os dias, umedecendo o árido, enfrentando as quedas, as curvas, as tempestades . Confiante de um dia ser mar . O amor quando nasce forte, tem pressa de ser eterno. Nem se dá conta de que é carne úmida . (p. 87-88)
A gente não deixa mágoa de filho ressecar . (p. 90)
Sentiu o solavanco seco da voz dela cuspiendo revoltada: Vai embora. (p. 97)
Uma sensação de redemoinho misturando água suja com água limpa foi esfriando a espinha de Venâncio. A certeza do que tinha visto começou a se diluir . O transparente virou barro . (p. 98)
[...] quem segura essas águas morre afogado , arrebitado por dentro. Infartando. (p. 107)
Um brilho molhava seu olhar apaixonado. (p. 115)
E então, quando os dois jantavam, como sempre faziam, perdidos em boa conversa e olhares demorados, ela transbordou : Estou grávida, amor. (p. 117)
Foi ela, a carne, que começou a gritar, ignorando qualquer coisa que não fosse equilibrar suas águas . (p. 121)
As que acompanhavam curiosas a tempestade que estava se formando desconfiaram do motivo de tanta insônia. (p. 127)
Ele entrou desatinado, deixou a raiva ganhar volume, bateu na porta mandando Lucy abrir, vomitando todas as palavras malditas que conhecia. (p. 143)

Os olhos se encheram de uma água triste. Mar . (p. 145)
Sua indiferença irrigava o veneno . (p. 150)
A gente não escolhe sentir ciúme, ele sobre como um vapor ... (p. 157)
As infiltrações dão sempre uma rasteira na gente. De modo que a ternura pingou miúda e foi tomando conta. (p. 174)
Mas agora ela tinha o filho dele nos braços, sentiu a esperança molhar sua carne. (p. 183)
Um pedaço de pão no leite . Amolecia. (p. 186)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 2 - RELAÇÃO É LÍQUIDO
Venâncio foi frequentador da Casa de Manu quando atravessou o deserto de ser sozinho. (p. 12)
Viveram muito tempo assim irrigados até que Dalva engravidou. (p. 19)
Um molhando o outro com suas águas boas, um dentro do outro naquele primeiro beijo de parar o mundo. (p. 87)
Não tô dizendo que ela vai se deitar com Venâncio agora, tá cedo, tem muita água pra rolar, mas, se esse amor firmar, é lá que o rio vai desaguar . (p. 90)
Que falem os mal-amados sobre suas profecias amargas, que sinalizem os abismos, as curvas, as areias movediças - nada comoverá. (p. 101)
Não ia ter graça nenhuma reinar no deserto sem ninguém para testemunhar seus calores e tempestade . (p. 119)
Desde que decidiu ser puta, homem nenhum disse não, nem os patifes, os religiosos, os ateus, os analfabetos, os bem-sucedidos, os ricos, os bonitos, os casados, os que tinham muito a perder, os que não davam no couro - todos eram levados pela enxurrada que desaguava nela. (p. 124)
Mas não era só a dor que prendia Dalva ali, o amor também lançou suas âncoras . (p. 134)
Estremeceu o invisível, arrepiou a alma com a pele dele, a saliva , o sêmen , tudo parecia o primeiro gole . (p. 147)
João estava ali como uma chuva que vinha lavar tudo, molhar todo o deserto . Tinha experimentado as primeiras gotas , queria o temporal . (p. 185)

Não era para ele, Venâncio, que ela cantava, mas, ao cantar, lançava iscas em suas águas... (p. 203)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 3 - A VIDA É ÁGUA
Mas era tarde, não comandava o curso do rio. Estava feito. (p. 20)
Deixou a filha enfrentar sua primeira correnteza. (p. 84)
Não tô dizendo que ela vai se deitar com Venâncio agora, tá cedo, tem muita água pra rolar, mas, se esse amor firmar, é lá que o rio vai desaguar. (p. 90)
É um colo de braços fortes e delicados, ninando a gente num mar furioso, esquenta seu coração nesse colo, respira com Ele. [...] Eu sei que isso não muda o mar furioso lá fora. (p. 137)
Tudo no leito do previsível, é lá que o caminho está, é lá que a água vira rio. (p. 148)
Essa era a grande novidade de estar encharcada, com os rios do crescimento circulando à vontade. (p. 175)
Olhar a terra lá de cima entre o azul e as nuvens, ver todas as águas indo para o mar sem o risco de se perderem pelo caminho. (p. 184)
Dalva abraçou Francisca, se alimentou de urgência, estava pronta para atravessar o mar. (p. 195)
Agora, cruzar o descampado entre a igreja e a casa de Francisca, depois de tanto correrem os rios, era um voo com asas coloridas. (p. 198)
Estavam ali diante de um caminho alagado. Sob a superfície da água, não era possível ver nada que não fosse céu azul. (p. 206)
O caminho alagado trazia a promessa dos corpos úmidos. (p. 206)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 4 - EMOÇÃO É CALOR
Mas tia Duca estava sempre lá, rebobinava tudo, esfriando aquela fevura . (p. 41)
Mais do que nunca, a água estava no fogo, mais cedo ou mais tarde ia ferver . (p. 57)
O pai de Dalva, seu Antônio, era mais bravo, mas Aurora sabia abaixar a fevura dele. (p. 70)
A gente não escolhe sentir ciúme, ele sobe como um vapor ... (p. 157)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 5 - A VIDA É MAR
É um colo de braços fortes e delicados, ninando a gente num mar furioso, esquenta seu coração nesse colo, respira com Ele. [...] E eu sei que isso não muda o mar furioso lá fora. (p. 137)
Olhar a terra lá de cima entre o azul e as nuvens, ver todas as águas indo para o mar sem o risco de se perderem pelo caminho. (p. 184)
Dalva abraçou Francisca, se alimentou de urgência, estava pronta para atravessar o mar . (p. 195)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 6 - A VIDA É UMA VIAGEM
Estavam ali diante de um caminho alagado . Sob a superfície da água , não era possível ver nada que não fosse céu azul. (p. 206)
O caminho alagado trazia a promessa dos corpos úmidos . (p. 206)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 7 - CORPO É PAISAGEM
As matas. As grutas . Um rio largo e farto, manso em seu fluxo, lavando tudo, fertilizando os dias, umedecendo o árido, enfrentando as quedas, as curvas, as tempestades . Confiante de um dia ser mar . O amor quando nasce forte, tem pressa de ser eterno. Nem se dá conta de que é carne úmida . (p. 87-88)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 8 - PESSOA É LÍQUIDO
Uma mulher castanha, sem extremos, sem surpresa. Uma água morna e fosca. (p. 39)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 9 - DIFICULDADE É LÍQUIDO
Aquele peso todo tinha um eco poderoso no silêncio suado e cheio de cheiros que rodeava cada uma. (p. 27)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 10 - IMPUREZA É SUJO/LÍQUIDO
Para as putas, basta a Deus um coração puro, outras partes podem ser lambuzadas . (p. 27)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 11 - EMOÇÃO É CONTAINER
E então, quando os dois jantavam, como sempre faziam, perdidos em boa conversa e olhares demorados, ela transbordou : Estou grávida, amor. (p. 117)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Assim que as metáforas conceituais destacadas e seus respectivos mapeamentos foram tabelados e se tornaram bem visuais, as frases destacadas em verde indicando repetição foram organizadas em novas tabelas que serão mostradas a seguir:

Tabela 12 - EMOÇÃO É LÍQUIDO/EMOÇÃO É CALOR
Mas tia Duca estava sempre lá, rebobinava tudo, esfriando aquela fevura . (p. 41)
Mais do que nunca, a água estava no fogo, mais cedo ou mais tarde ia ferv . (p. 57)
O pai de Dalva, seu Antônio, era mais bravo, mas Aurora sabia abaixar a fevura dele. (p. 70)
A gente não escolhe sentir ciúme, ele sobe como um vapor ... (p. 157)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 13 - EMOÇÃO É LÍQUIDO/CORPO É PAISAGEM
As matas. As grutas . Um rio largo e farto, manso em seu fluxo, lavando tudo, fertilizando os dias, umedecendo o árido, enfrentando as quedas, as curvas, as tempestades . Confiante de um dia ser mar . O amor quando nasce forte, tem pressa de ser eterno. Nem se dá conta de que é carne úmida . (p. 87-88)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 13 - EMOÇÃO É LÍQUIDO/EMOÇÃO É CONTAINER
E então, quando os dois jantavam, como sempre faziam, perdidos em boa conversa e olhares demorados, ela transbordou : Estou grávida, amor. (p. 117)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 14 - RELAÇÃO É LÍQUIDO/A VIDA É ÁGUA
Não tô dizendo que ela vai se deitar com Venâncio agora, tá cedo, tem muita água pra rolar, mas, se esse amor firmar, é lá que o rio vai desaguar . (p. 90)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 15 – A VIDA É ÁGUA/A VIDA É UMA VIAGEM
Estavam ali diante de um caminho alagado . Sob a superfície da água , não era possível ver nada que não fosse céu azul. (p. 206)
O caminho alagado trazia a promessa dos corpos úmidos . (p. 206)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Tabela 16 - A VIDA É ÁGUA/A VIDA É MAR
É um colo de braços fortes e delicados, ninando a gente num mar furioso, esquenta seu coração nesse colo, respira com Ele. [...] Eu sei que isso não muda o mar furioso lá fora. (p. 137)
Olhar a terra lá de cima entre o azul e as nuvens, ver todas as águas indo para o mar sem o risco de se perderem pelo caminho. (p. 184)
Dalva abraçou Francisca, se alimentou de urgência, estava pronta para atravessar o mar . (p. 195)

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir destas 16 tabelas, as metáforas conceituais de *Tudo é Rio* puderam ser analisadas detalhadamente, o que será mostrado na próxima seção.

5 ANÁLISE

O título do livro já antecipa, *Tudo é Rio* referencia o líquido e todas as suas derivações em praticamente todas as suas 206 páginas. Com isso, podemos perceber que Carla Madeira (2021) trabalhou toda a narrativa de sua história nas metáforas sobre líquidos. Outro aspecto que salta aos olhos logo que as tabelas são visualizadas é o fato de que, apesar de as metáforas linguísticas fazerem referência a líquidos, seus mapeamentos não necessariamente se restringem ao domínio-fonte LÍQUIDO. Isso aconteceu no caso das metáforas conceituais: CORPO É PAISAGEM, EMOÇÃO É CALOR, EMOÇÃO É CONTAINER e A VIDA É UMA VIAGEM.

Para que ficasse bem elaborada, essa análise seguiu a seguinte linha de raciocínio de acordo: identificação de metáfora na ficção, Teoria da Metáfora Conceitual, Teoria da Metáfora Primária e Nicho Metafórico.

Na seção sobre identificação de metáforas na ficção falamos sobre três características específicas desse fenômeno na ficção: metáforas expressas diretamente, descrições de personagens e personificação. Entre as metáforas selecionadas da obra de Carla Madeira, foi possível identificar ocorrências que se encaixam nessas três possibilidades.

As frases a seguir são classificadas como *metáforas diretamente expressas*, uma vez que são construídas por meio de analogias e comparações identificadas pela palavra “como”.

a) Agora, cruzar o descampado entre a igreja e a casa de Francisca, depois de tanto correrem os rios, *era [como] um voo com asas coloridas*.

Levando em consideração o contexto da história, podemos entender com “era um voo de asas coloridas”, que depois de sofrer por muito tempo em todas as vezes que fazia o trajeto da igreja até a casa de Francisca, Dalva finalmente fez aquele caminho por um bom motivo, estava feliz naquele momento. O voo é justamente o caminho que Dalva fazia todos os dias, e as asas coloridas são usadas como adjetivo para descrever a felicidade, já que nossa tendência é associar cores vivas a momentos felizes e cores mais escuras a momentos tristes.

b) João estava ali *como uma chuva que vinha lavar tudo*, molhar todo o deserto.

Com “como uma chuva que vinha lavar tudo”, entendemos que o filho de Lucy e Venâncio chegou para trazer alegria para um lar onde por muito tempo só houve tristeza. Quando a chuva vem tranquila, sem estar acompanhada de ventos fortes e temperaturas frias, costumamos dizer que essa chuva vem para lavar os sentimentos ruins, a chuva (João) chegou na casa de Dalva e Venâncio para levar embora toda a mágoa, o rancor e a raiva que existia ali.

c) *[Como] um pedaço de pão no leite*. Amolecia.

Por fim, em “um pedaço de pão no leite” vemos que depois de reprimir seus sentimentos de raiva, mágoa e rancor por muito tempo, ao ver Venâncio cuidando de João com carinho, Dalva aos poucos começou a perdoar e deixar para trás tudo que havia acontecido de ruim com ela, deixando de ser tão dura com ela mesma e com a vida.

As próximas frases são classificadas como *descrição de personagens*, metáforas que ocorrem principalmente quando falamos de avaliações mentais ou descrição de emoções ligadas aos personagens:

a) O pai de Dalva, seu Antônio, era mais bravo, mas *Aurora sabia abaixar a fervura dele*.

Em “Aurora sabia abaixar a fervura dele”, a palavra “fervura” descreve o sentimento mais marcante de seu Antônio, a braveza que o invade com a mesma intensidade com que a água ferve quando está no fogo.

b) Uma mulher castanha, sem extremos, sem surpresa. *Uma água morna e fosca*.

A metáfora “uma água morna e fosca” é utilizada para definir o quanto a personagem era sem graça, como costumamos dizer, não esquentava nem esfriava, nem luminosa e nem obscura. Simplesmente alguém que está sempre no meio termo e não se destaca entre outras pessoas.

c) Essa era a grande novidade de estar *encharcada, com os rios do crescimento* circulando à vontade.

A frase “estar encharcada, com os rios do crescimento” é uma metáfora para descrever o estado atual da personagem, que está grávida. Os rios do crescimento descrevem tudo que circula dentro do corpo da mulher durante uma gestação, o líquido amniótico, o aumento do fluxo sanguíneo e a produção de leite materno, por exemplo.

Finalmente, em relação à característica de *personificação*, que se divide nas subcategorias *personificação e descrição de personagem* e *personificação e forma linguística*, selecionei a seguinte frase:

a) Sentiu o solavanco seco da *voz dela cusbindo revoltada*: Vai embora.

O destaque mencionado que já havia sido utilizado como exemplo na seção sobre identificação de metáforas na ficção, é identificado como como *personificação e descrição de personagem*, isso porque a autora escolhe descrever uma ação utilizando metáforas que focam no personagem em si ou em uma parte do corpo específica. Sendo assim, com a personificação e descrição de personagem, metáforas e metonímias podem se confundir, como é o caso, já que a palavra “cusbindo” é utilizada metaforicamente para descrever algo que foi falado de forma ríspida, e ao mesmo tempo, é possível identificar a metonímia PARTE PELO TODO.

Agora, quanto à característica de *personificação e forma linguística*, que diz respeito à escolha do autor de ficção de utilizar verbos que descrevem ações humanas para descrever ações produzidas por fenômenos da natureza, dentre os destaques selecionados, não foi possível encontrar nenhuma metáfora que se encaixasse nessa definição. Por esse motivo, é possível trabalhar com a hipótese de que essa característica não se encaixa em *Tudo é Rio* porque dentro do contexto da narrativa não existe distinção entre os seres humanos e os fenômenos da natureza, ambos estão interligados. A nossa vida e a condição humana nada mais é do que esse fluxo constante de líquidos, sejam eles sangue, lágrimas, rio ou mar.

Partindo deste mesmo pressuposto, podemos analisar o fato de que as metáforas presentes no livro escrito por Carla Madeira corroboram com a ideia central da Teoria da Metáfora Conceitual. Ou seja, elas não se limitam a expressões linguísticas figuradas, elas estão ali para cumprir o papel de estruturar nossos pensamentos e percepções sobre domínios abstratos através da transferência de significados de um domínio mais concreto e sensorial para um domínio mais abstrato. Esse ponto da obra é essencial, pois são as metáforas conceituais presentes nela que nos permitem entender conceitos complexos e abstratos com base na nossa experiência corporal e sensorial.

O mapeamento conceitual EMOÇÃO É LÍQUIDO, por exemplo, que ficou no topo da lista por conter o maior número de ocorrências, é utilizado ao longo da história para demonstrar todo o poder que nossas emoções exercem sobre nós. Carla utiliza os líquidos e tudo que deriva deles para criar metáforas que nos aproximam das emoções de cada personagem, é justamente isso que faz com a gente leia *Tudo é Rio* e sinta de forma clara a enxurrada de sentimentos que ele carrega consigo.

Um desdobramento importante da Teoria da Metáfora Conceitual é a Teoria da Metáfora Primária. Em sua tese de 1997, Joseph Grady conceitua metáforas primárias como aquelas que são criadas a partir de cenas que ocorrem nas nossas experiências diárias de maneira repetitiva, ou seja, são bastante utilizadas no nosso dia a dia, mesmo que muitas vezes isso aconteça de maneira inconsciente. Por isso, podemos dizer que as metáforas conceituais selecionadas de *Tudo é Rio* para fazer parte dessa pesquisa derivam de metáforas primárias.

Por exemplo, a metáfora conceitual EMOÇÃO É CONTAINER - mapeada a partir do destaque “E então, quando os dois jantavam, como sempre faziam, perdidos em boa conversa e olhares demorados, ela transbordou: Estou grávida, amor” -, pode ser considerada uma atualização da metáfora primária EMOÇÕES SÃO ESTADOS FÍSICOS. Enquanto a metáfora primária EMOÇÕES SÃO ESTADOS FÍSICOS diz respeito à associação direta entre emoções e sensações físicas, a metáfora conceitual EMOÇÃO É CONTAINER amplia essa associação

ao introduzir a ideia de containers para compreender como as emoções são armazenadas, liberadas ou controladas dentro de nós.

A partir do momento que Carla Madeira constrói as metáforas de *Tudo é Rio* baseadas em metáforas conceituais e cria novas metáforas não convencionalizadas a partir delas – fenômeno denominado como “*entailments*” ou “desdobramentos” por Lakoff e Johnson - podemos trabalhar com a ideia de que a coesão da narrativa do livro utilizado como objeto de estudo desta pesquisa é caracterizada pelo que Solange Vereza denomina como “nicho metafórico”.

Dos 11 mapeamentos encontrados, 7 deles estão relacionados a líquidos, sejam eles elementos ou fenômenos da natureza, ou até mesmo líquidos que não são previamente definidos pelo mapeamento. Uma vez que as metáforas conceituais com mais ocorrências foram EMOÇÃO É LÍQUIDO, RELAÇÃO É LÍQUIDO e A VIDA É ÁGUA, podemos dizer que a narrativa e a argumentação de *Tudo é Rio* são construídas em vários nichos metafóricos que instanciam metáforas conceituais específicas - como EMOÇÃO É LÍQUIDO - que se desenvolvem a partir da metáfora conceitual geral A VIDA É LÍQUIDO.

O que Carla Madeira nos mostra é que nós, como seres humanos, estamos cercados por todos esses líquidos que fazem parte da nossa existência. A nossa vida é levada por esse fluxo constante de água que não pode ser controlado durante toda a nossa trajetória mundana. E essa interpretação só é possível porque a narrativa de *Tudo é Rio* é feita a partir de todas essas metáforas conceituais, que se interligam e formam o nicho metafórico citado no parágrafo anterior.

Segundo a Linguística Cognitiva, as metáforas estão enraizadas em nossa experiência cotidiana e em como interagimos com o mundo, e analisando *Tudo é Rio* por essa perspectiva, conseguimos compreender por que esse livro é tão diferente da literatura com a qual estamos acostumados. Carla Madeira utilizou como peça-chave para a construção de seu romance aquilo que é inerente à nossa cognição, capaz de moldar nossa visão de mundo e nossas interações sociais: as metáforas.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou investigar a influência das metáforas dentro de uma narrativa literária, partindo da visão da Linguística Cognitiva. Ao analisar o papel que elas exercem em nossa linguagem e pensamentos, bem como sua manifestação na história de ficção escrita por Carla Madeira, foi possível explorar as maneiras pelas quais as metáforas moldam nossa percepção do mundo que nos cerca.

O estudo da metáfora sempre foi uma pauta importante no campo de pesquisa da literatura, mas a Linguística Cognitiva ofereceu uma lente valiosa e perspicaz para que pudéssemos compreender a base cognitiva das metáforas, as estudando para além do nível estético que as figuras de linguagem conferem a um texto.

Pelas lentes da Linguística Cognitiva podemos perceber que *Tudo é Rio* utiliza as metáforas para além da ornamentação textual, é a partir delas que a narrativa é construída, captando nuances emocionais que seriam mais difíceis de alcançar se a escritora optasse por utilizar apenas a linguagem literal. A história não é apenas constituída de metáforas aleatórias utilizadas comumente no nosso dia a dia, as metáforas escolhidas para compor a narrativa fazem parte de um domínio fonte específico: OS LÍQUIDOS. A partir desse domínio, Carla cria um universo literário inteiro baseado nos líquidos que nos acompanham durante toda a nossa vida, desde o nascimento até a morte.

A premissa de *Tudo é Rio* não seria a mesma se não fosse pela escolha tão precisa das metáforas que constituem sua história, pois é através do mapeamento de conceitos e domínios familiares que compreendemos domínios mais abstratos. Conseguimos nos sentir tão próximos dos personagens porque as metáforas permitem a transferência de conhecimento e a elaboração de conexões entre as nossas diferentes experiências humanas. Escolher escrever “a gente não escolhe sentir ciúme ele sobe como um vapor” ao invés de simplesmente escrever “a gente não escolhe sentir ciúme”, evidencia que Carla não queria apenas descrever a obviedade do sentimento de ciúme, mas sim fazer com que os leitores experimentassem a exata emoção do personagem a partir da nossa própria experiência corpórea com esse sentimento.

É preciso reconhecer que esta pesquisa possui limitações, uma vez que, conforme foi explicado ao longo deste trabalho de conclusão, o mapeamento das metáforas não foi feito de forma exaustiva, já que foram deixadas de lado metáforas que continham repetição de significado e as que faziam referência a atos sexuais explícitos (tendo em mente que esses critérios de exclusão foram utilizados pois não haveria tempo hábil para mapear e analisar todas as metáforas presentes no livro de maneira satisfatória). Ainda existem muitos outros aspectos

que podem ser explorados em pesquisas futuras utilizando a Linguística Cognitiva para estudar as metáforas presentes em obras literárias, podendo expandir a investigação para diferentes gêneros ou períodos da literatura, ou ainda outras áreas da linguística, como a tradução.

A tradução possui uma função de ordem prática, já que sem ela a comunicação entre comunidades linguísticas fica comprometida ou se torna impossível. Assim, ela pode ser compreendida como a condição de sobrevivência de uma língua, afinal, uma língua que não se consegue mais traduzir é considerada uma língua morta. É função dos tradutores manter as línguas vivas e fazer com que a comunicação se torne viável.

Nenhuma tradução é igual a outra e para que um texto seja traduzido de uma língua de partida para outra de chegada, os tradutores trabalham o tempo todo para achar soluções para possíveis problemas de tradução que possam surgir no caminho. Escolher a tradução adequada é algo complexo e difícil muitas vezes, e sempre que um tradutor escolhe uma possibilidade de tradução ao invés de outra, ele está levando em consideração uma série de ideias a respeito do que é a tradução e de como ela deve ser realizada.

Pensando nisso, um aspecto que poderia ser explorado em pesquisas futuras a partir desta que foi apresentada neste trabalho de conclusão, é a tradução das metáforas presentes em *Tudo é Rio*, que são a característica mais marcante da obra e não deveriam ser perdidas no momento de sua tradução para outra língua. A partir do seguinte questionamento: existe algum mapeamento metafórico que pode ser encontrado em todas as línguas e culturas? Poderia ser investigado se seria produtivo traduzir essas metáforas a partir de um mesmo mapeamento, se existem metáforas correspondentes na língua de chegada, se todas possuem potencial para universalidade ou se seria inviável fazer essa tradução a partir desse conceito de universalidade.

Em resumo, o estudo da metáfora evidencia que a literatura transcende a mera narrativa, nos convidando a examinar como a linguagem é capaz de influenciar nossa percepção acerca da nossa existência, fazendo com que elas se tornem elementos fundamentais perante a nossa condição humana.

REFERÊNCIAS

- CHIAVEGATTO, Valeria. **Introdução à Linguística Cognitiva**. Revista Matraca, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 77-96, jan./jul. 2009.
- GIBBS, Raymond. **Embodiment and Cognitive Science**. Inglaterra: Cambridge University Press, 2005.
- GRADY, Joseph. **Foundations of Meaning: primary metaphors and primary scenes**. Berkeley: University of California, 1997.
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: A practical introduction**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Edição revisada. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LAKOFF, George. **The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?** Birmingham: University of Birmingham, 1990.
- LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LUFT, Lya. **Uma Terra Vasta**. Coluna Ponto de Vista. São Paulo: Revista Veja, p. 26, 2007.
- MADEIRA, Carla. **Tudo é Rio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- PIAGET, Jean. **A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de psicologia genética**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- RATZ, Paulo. **Pare Tudo o que Você Estiver Fazendo e Leia Tudo é Rio**. 2022. 1 vídeo (30 minutos). Publicado pelo canal Livraria em Casa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=maxL-GjSQHQ>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- SEMINO, Elena; STEEN, Gerard. Metaphor in Literature. In: GIBBS, Raymond. **The Handbook of Metaphor and Thought**. Inglaterra: Cambridge University Press, 2008.
- STEEN, Gerard *et al.* **A Method for Linguistic Metaphor Identification**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- STEEN, Gerard. **Finding Metaphor in Grammar and Usage**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- VEREZA, Solange. **Entrelaçando Frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109-124, jan./jul. 2013.

VEREZA, Solange. **Metáfora e Argumentação:** uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007.

VICENTE, Danilo. **Carla Madeira:** Tudo é Rio e tudo é sucesso. São Paulo: Exame, 2022. Disponível em: <https://exame.com/bussola/carla-madeira-tudo-e-rio-e-tudo-e-sucesso/>. Acesso em: 12 jul. 2023.